

O Brasil e os trópicos na França do século XIX: ideias sobre uma civilização tropical na *Revue des Deux Mondes*.

Luis Fernando Tosta Barbatto¹

Resumo

A *Revue des Deux Mondes* foi dos mais lidos e influentes periódicos franceses do século XIX, de grande circulação e importância. Em seus escritos aparecem os relatos de seus viajantes que percorreram quase todo o mundo a serviço da revista, cheios de impressões, conceitos e preconceitos que pairavam na França sobre os demais povos. O que buscamos aqui é analisar quais foram as visões que os franceses retiraram de suas viagens pelo Brasil, nos atentando principalmente para a relação entre a civilização e o clima tropical, visto por séculos como um impeditivo ao progresso.

Palavras-chave: *Revue des Deux Mondes*; clima; relações Brasil-França.

Abstrac

The *Revue des Deux Mondes* was one of the most widely read and influential French periodicals of the nineteenth century, large circulation and importance. Its writings bring the accounts of its travelers who traveled almost all over the world at the service of the magazine, full of impressions, concepts and prejudices that hovered in France over other peoples. What we seek here is to analyze what were the visions that France withdrew from their travels in Brazil, mainly in paying attention to the relationship between civilization and the tropical climate, seen for centuries as an impediment to progress.

Keywords: *Revue des Deux Mondes*; climate; Brazil-France relations.

¹ Doutorando em História pela Universidade Estadual de Campinas.

A *Revue de Deux Mondes* foi um periódico de grande longevidade e circulação, durante o século XIX e início do século XX. Como nos trouxe Ana Luíza Martins, foi a *Revue*, dentre os periódicos estrangeiros, um ocupante do topo da lista entre os mais festejados pelos homens de letras e ciências do Brasil da época, principalmente em sua fase Imperial². Figura importante nos principais acervos do país, circulava entre os personagens de Machado de Assis, e era aclamada pelo próprio Imperador D. Pedro II, seu leitor voraz (MARTINS, 2001, p. 75), algo que lhe conferia bastante prestígio³. A *Revue de Deux Mondes* gozava de prestígio, algo que se estendia ao seu leitor, como nos mostra, abaixo, Ana Luíza Martins. De fato, a *Revue de Deux Mondes* era um periódico tomado de grande valor e importância durante os oitocentos:

Afamada, assinada, adquirida, porém, pouco lida. Ou melhor, consumida efetivamente por homens de letras. Sua configuração sólida, quase um livro, recheada de compenetrados artigos de gama diversificada de autores europeus, transformo-a em ícone do saber superior e elitizado, conferindo a seu possuidor e/ou assinante a aura de leitor informado e atualizado (MARTINS, 2001, p. 75).

Fundada sob o título de *Revue des Deux Mondes: recueil de la politique, de l'administration et de mouer*, em 1829, por Prosper Mauroy e Ségur-Dupeyron (CAMARGO, 2007, p. 37), a *Revue* nasce com um objetivo: buscar o outro – no caso os povos estrangeiros visitados pelos colaboradores da *Revue* espalhados por todo o globo - como forma de conhecê-los, a fim de trazer para a França aquilo que de melhor havia no estrangeiro, contribuindo, assim, para uma melhor organização e desenvolvimento da própria sociedade francesa. Como nos disse Katia Aily Franco de

² Já na virada do século XIX para o XX a *Revue des Deux Mondes* começou a perder bastante de seu prestígio, os tempos eram outros, e o conservadorismo da Família Buloz, que continuava na sua direção, começou a fazê-la perder o prestígio de outrora. Os dizeres de Eça de Queiroz, sobre a *Revue* são notórios nesse sentido: “(...) séria e poderosa a Revista dos Dois Mundos [que] nos parecia exalar um cheiro horrendo a bafio e a letras mortas. [...] escrever na Revista, pertencer à Revista era para nós uma maneira especial de ser fóssil”. No mais, seu modelo calcado em textos densos, sem ilustrações e propagandas, distante das então em voga Ilustradas e Magazines, também contribuíram para que a *Revue de Deux Mondes* perdesse espaço nessa virada de século (MARTINS, 2001, pp. 75-77).

³ Afinal, como nos ressalta Lúcia Maria Paschoal Guimarães, construía-se a imagem de D. Pedro II como a do “príncipe perfeito”, oriundo das mais tradicionais linhagens reais europeias, mas nascido no Brasil, e admirado pelo seu amor às letras e ciências. Depositava-se nesse monarca as esperanças de um futuro brilhante para o Brasil (GUIMARÃES, 1995, pp. 544-545).

Camargo: “é preciso conhecer o outro para poder dele adotar aquilo que é conveniente e/ou apropriado para a França, para que essa possa melhor organizar sua sociedade” (CAMARGO, 2005, p. 83).

Deste modo, é natural que o Brasil figurasse na revista. Apesar de ser foco de uma pequena produção, frente aos milhares de artigos publicados em toda a existência da *Revue*⁴, a verdade é que, como nos frisa Luiz Dantas, o Brasil teve sempre um comparecimento regular nessas publicações, desde seu volume inaugural, em 1829 (DANTAS, 2000, p. 136).

Desta maneira, buscaremos aqui mostrar como o Brasil apareceu na *Revue des Deux Mondes*, mostrando como foram as percepções que cercavam o país no século XIX, entre as quais podemos destacar a natureza tropical, rica e exuberante, que chamava a atenção dos viajantes europeus, bem como as pessoas que habitavam o país, uma mistura de brancos, índios e negros, que muitas vezes eram vistas como incapazes de levar o Brasil a uma civilização de parâmetros europeus. Tal dicotomia, entre o poder da natureza e a fraqueza dos povos que ela produzia, pode ser vista como o principal eixo na análise sobre o Brasil na *Revue*.

A questão da natureza rica e provida está presente desde as mais antigas relações entre o Brasil e a França, quando, ainda no século XVI, franceses aqui estiveram e escreveram relatos que deixavam uma impressão bastante positiva das terras que encontraram, mesmo encontrando também povos vistos como bárbaros, que quebravam a noção de paraíso tropical perfeito.

Jean de Léry, Claude d’Abbeville, Yves d’Évreux e André Thevet⁵ são exemplos desses primeiros visitantes franceses que ajudavam a difundir tal ideia. Em todos eles, a visão que predominava sobre as terras que encontraram no Brasil era baseada no elogio e na boa impressão.

⁴ Entre os 11.892 textos publicados na *Revue des Deux Mondes* no século XIX, segundo Thomas Loué, podemos encontrar 27 que fazem referência ao Brasil (LOUÉ, 1998).

⁵ Todos eram membros das missões francesas que tentaram colonizar áreas do Brasil no século XVI. Jean de Léry visitou o Brasil em 1557, na chamada França Antártica, situada no atual Rio de Janeiro. O franciscano André Thevet permaneceu por 3 meses também na chamada França Antártica durante o ano de 1555. Já Claude d’Abbeville e o capuchinho Yves d’Évreux participaram da missão francesa na chamada França Equinocial, no atual Maranhão, o primeiro em 1612, permanecendo por 4 meses, e o segundo durante os anos de 1613 e 1614.

Jean de Léry, por exemplo, tece um texto no qual rasga elogios à diversidade natural brasileira, se espantando inclusive com a saúde que tal ambiente proporciona aos seus habitantes nativos, o que se comprova por uma suposta longevidade estranha aos europeus, que encontra entre os indígenas que observa (VIEIRA, 2008, p. 73). Léry nomeia e enumera toda essa diversidade que encontra, carregado de termos notoriamente valorativos, sempre positivos em relação à nova natureza tropical⁶. O êxtase de Léry, frente a tal cenário natural que encontra no Brasil, pode ser percebido no trecho abaixo, no qual associa a natureza brasileira à presença divina:

Senhor Deus, como suas obras diversas
São maravilhosas por todo o universo:
Como fizeste com grande sabedoria!
Em suma, a terra está cheia de sua magnificência (LÉRY, 1994, p. 334).

Poderíamos citar ainda muitos outros viajantes que deixaram relatos que traziam visões bastante positivas da natureza que encontraram, dos quais Thevet, Abbeville, Evreux, além do próprio Léry, são apenas exemplos em meio a muitos outros. O que queremos aqui é mostrar que tal visão edênica sobre as terras tropicais brasileiras é algo há muito propagado na França, e que no século XIX, com nossos escritores da *Revue*, não foi diferente. Influenciados por esses relatos antigos, ou/e também entusiasmados pelas belas paisagens que o Brasil conferiu aos seus olhos acostumados com as terras temperadas europeias, o Brasil também foi tratado como naturalmente rico e belo nas páginas da *Revue*. Passava ano, passava século, e a mística dos trópicos da beleza e do encanto continuava viva, como podemos ver nos relatos presentes sobre o Brasil na *Revue*.

No que toca às belezas naturais, em quase todos os relatos acerca do Brasil há uma ou várias observações que relatam o espetáculo que somente o calor e a umidade característicos dos trópicos poderiam proporcionar, e que muito impacto causavam aos olhos daqueles viajantes, como podemos notar no trecho abaixo:

⁶ “Portanto, todas as vezes que a imagem deste Novo Mundo, que Deus me fez ver, se apresenta diante dos meus olhos: eu observo a serenidade do seu ar, a diversidade dos seus animais, a variedade dos seus pássaros, a beleza de suas árvores e plantas, a excelência de suas frutas (...)” (LÉRY, 1994, p. 334).

Enfim você chega ao topo das montanhas: Você para! Um oceano de florestas emerge à sua frente, imenso como o oceano das águas, sublime, incomensurável, sem limites (LACORDAIRE, 1832, p. 657).

Ou ainda:

Mesmo que eu viva por séculos, a impressão que se produziu sobre meu espírito a mistura de grandeza e graça que atingiram meus olhos estará sempre fresca na memória. Vi as costas clássicas da Itália; estive durante muito tempo em meio às belezas românticas da Suíça; percorri as pitorescas margens do Reno: as mais brilhantes criações do mundo europeu, com seus tesouros inesgotáveis da associação histórica e poética, nunca me fizeram sentir esses sentimentos que mesclavam a admiração e o prazer, que não pude me defender da vista majestosa dessa obra-prima da natureza, a baía do Rio de Janeiro (ANÔNIMO, 1829, p. 115).

E casos como os mostrados acima, no qual as florestas se apresentam como infinitas e incomensuráveis, e a grandiosidade das paisagens salta aos olhos estrangeiros, apresentando-se de maneira sublime, sendo a beleza natural exaltada, são bastante comuns.

Chavagnes⁷ ressalta que a beleza natural do Rio de Janeiro é um consolo para o viajante que chega na cidade e se sente triste perante a vida tão distante que nela encontra (CHAVAGNES, 1884, p. 69). Ferdinand Denis exalta Jean de Léry por ele ter conseguido driblar os preconceitos dos homens de seu tempo acerca dos nativos brasileiros e ter passado em seus relatos todo o encantamento que se vivia na natureza sublime e nas belas florestas do Brasil (DENIS, 1831, pp. 406-407). Assier também não se deixa negar o êxtase provocado pelo esplendor da paisagem e a harmonia do céu tropical em suas andanças pelas selvagens matas virgens do interior do Brasil e também pela profusão de aromas e luminosidade que os olhos dos navegadores encontram ao chegar na costa brasileira (ASSIER, 1863, p. 73). Émile Adêt é outro que não deixa de ressaltar a grandiosidade da natureza brasileira e o quão pitorescos são os lugares que encontrou (ADÊT, 1851, p. 1083). Vale ainda ressaltar que a grande quantidade de aves e outros animais também encantaram nossos

⁷ Também conhecido como Conde de Suzannet.

viajantes e merecem destaques em suas publicações, como foi o caso de Castelnau (CASTELNAU, 1848, p. 203).

Poderíamos aqui elencar ainda uma série de outros exemplos dos elogios que os viajantes franceses da *Revue*⁸ prestaram à natureza brasileira, uma vez que eles são muito abundantes e, como frisamos, estão em praticamente todos os relatos acerca do Brasil. Assim, podemos notar que a beleza dos trópicos é uma das principais distinções que existem em relação à natureza europeia, e a imensidão das florestas, as belas paisagens, a grande variedade de fauna e flora, os aromas, e tudo mais que somente os trópicos podem oferecer são pontos que chamam muito a atenção dos estrangeiros, e por isso dificilmente passam incólumes em seus relatos.

No entanto, a bela paisagem natural brasileira não representava um paraíso perfeito, ela era habitada por uma série de povos de hábitos estranhos, como o canibalismo e a luxúria exacerbada, que somadas aos efeitos do clima tropical sobre seus corpos e mentes, formava uma população que causava temores naqueles que pensavam um Brasil civilizado, pois, como poderia um país habitado principalmente por negros, índios e mestiços querer ocupar um lugar entre as consideradas nações civilizadas?

Desde a Grécia Antiga, momento no qual pela primeira vez se estabeleceu a noção da Europa como modelo, já havia a noção de que o clima era fator importante na constituição dos povos, sendo que o clima temperado produzia homens fortes, enquanto os climas quentes produziam gentes fracas e débeis. Com as Grandes Navegações, momento no qual o contato entre os europeus do clima temperado e os povos do clima tropical ganhou uma proporção nunca antes vista na história, tais explicações passaram a ganhar cada vez mais força, até se tornarem um dos principais elementos na explicação da inferioridade dos povos tropicais em relação aos europeus (ARNOLD, 2000, p. 22). O trecho abaixo, de Ventura sobre Montesquieu, nos serve como exemplo da profusão dessas ideias na Europa setecentista, que chegaram ao século XIX com muita força:

⁸ Vale aqui ressaltar que de todos aqueles que escrevem na *Revue des Deux Mondes* sobre o Brasil no período proposto para a pesquisa, apenas Pereira da Silva não era francês. Émile Adêt se naturalizou brasileiro em 1860, mas era francês de nascimento (CAMARGO, 2007, p. 130).

A escravidão, a poligamia e o despotismo resultam, na sua visão [de Montesquieu], da apatia geral dos habitantes dos climas quentes, em que o calor traria o "relaxamento" das fibras nervosas. Com isso o indivíduo perderia toda sua força e vitalidade, seu espírito ficaria abatido, entregue à preguiça e à ausência de curiosidade, enervando o corpo e enfraquecendo a coragem. O clima quente favorece a aceitação da servitude: "não surpreende que a covardia dos povos dos climas quentes os tenha tornado quase sempre escravos, e que, a coragem dos povos dos climas frios os tenha mantido livres. É um efeito que deriva de sua causa natural [aqui citando Montesquieu] (VENTURA, 1991, p. 20).

No entanto, se o clima já vinha sendo apresentado como um agente natural da inferioridade dos povos vindos das zonas tropicais em relação aos europeus, outra questão somou-se a essa e ajudou a definir ainda mais essa diferença entre Europa e trópicos, a raça. A partir do século XIX o paradigma ambiental, marcado por um determinismo geográfico e climático, perde um pouco de sua força⁹, sendo preteridos ou absorvidos por outro modelo explicativo da sociedade, que tinha como base a questão racial. Como nos mostrou Bresciani, "o meio geográfico e climático assumia o centro da cena na fixação de quadros onde as diferentes raças esboçavam de maneira afirmativa seus destinos diversos" (BRESCIANI, 2007, p. 67).

Como a questão da natureza tropical, a questão da raça no Brasil há muito era tratada em nossa história, e os escritores da *Revue* não deixaram essas experiências anteriores de lado. Nesse sentido, o trecho abaixo, de André Thevet, nos mostra que as visões sobre o homem nativo do Brasil há muito já traziam aspectos negativos:

Os canibais, cujas terras vão do Cabo de Santo Agostinho às proximidades do Maranhão, são os mais cruéis e desumanos de todos os povos americanos, não passando de uma canalha habituada a comer carne humana do mesmo jeito que comemos carne de carneiro, se não até com maior satisfação (THEVET, 1978, p. 199).

⁹ Isso porque, apesar de ele ter perdido espaço frente aos argumentos raciais, ele ainda era fator importante de explicação das sociedades da época, e se fazia presente até períodos avançados do século XX. Como Stella Bresciani nos alertou, as concepções de nossos "textos contemporâneos" – no caso, as obras de autores de meados do século passado, como Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e Caio Prado Jr, - trazem ideias mesológicas, teorias estéticas e éticas setecentistas persistentes, mesmo que de forma subliminar (BRESCIANI, 2007, p. 425).

Os escritores da *Revue* não deixaram de prosseguir com suas visões negativas sobre os habitantes do Brasil, e por mais que apareçam visões mais positivas, podemos identificar as visões acerca das populações brasileiras vista de maneiras bastante negativas.

Castelnau se surpreende com a profusão de raças e povos que encontra na sua chegada ao Rio de Janeiro (CASTELNAU, 1848, pp. 199-200), Chavagnes começa a enxergar nas características físicas traços que dão identidade ao brasileiro, ao observar a beleza das mulheres brasileiras (CHAVAGNES, 1884, p. 69), Saint-Hilaire vê na população brasileira, formada por uma “amalgama bizarra de portugueses e americanos, homens brancos e homens de cor, homens livres e escravos”, como um dos desafios que o governo de D. Pedro II deverá enfrentar para vencer o estado triste da sociedade brasileira, pois conhecer algo tão complexo, para assim buscar as melhores saídas para os problemas, é algo bastante difícil. No entanto, a diversidade racial brasileira vem acompanhada de um quadro moral nada alentador, como podemos ver no trecho abaixo, de Chavagnes, na qual todo o emaranhado de raças que compõe o Brasil confere um estado moral bastante desanimador:

A população do Brasil é estimada em aproximadamente 5 milhões. Podemos distinguir diversas raças: 1° os portugueses da Europa naturalizados brasileiros; 2° os portugueses nascidos no país, ou brasileiros, propriamente ditos; 3° os mestiços de brancos e negros, ou mulatos; 4° os mestiços de brancos e índios, ou cabras; 5° os negros da África; 6° os índios, divididos em diversos povos. O estado moral dessa sociedade, abandonada às suas danosas paixões, aos seus instintos selvagens, é verdadeiramente aflitivo. (CHAVAGNES, 1884, p. 92)

Nesse contexto racial, o negro aparecia como um verdadeiro vilão para o futuro da sociedade brasileira. Inferior, bestializado, inculto e inapto à civilização, esse elemento é descrito, na maior parte dos relatos sobre o Brasil, estando quase sempre localizado sob o prisma da negatividade. O trecho abaixo, de Lacordaire, é emblemático para retratarmos a visão do negro que encontramos na maior parte dos relatos europeus, comparados a animais. O intelectual francês, sob o claro céu dos trópicos, sente pena dos cativos, não pela sua própria condição, mas, sim, porque não aparecem compradores dispostos a levá-los:

João Manoel me dizia no mercado que não é qualquer um que sabe distinguir um negro de um cavalo ou de qualquer outra espécie de quadrúpede. Com isso, você não iria longe se não souber escolher. Mas devemos tirar o chapéu, vi um cortejo nesse lugar, e é mais fácil comprar uma tropa de cavalos de Minas que dois desses animais que você vê estendidos no chão, neles há mais má vontade e sentimentos anticristãos que em todos os macacos do Brasil juntos. (...) É muito triste ver esses miseráveis que estão estendidos na porta do mercado, com sonhos minguados e doentes, sem que qualquer pessoa se interesse em compra-los. (LACORDAIRE, 1832, pp. 647-648).

Sobre os indígenas, as referências são bastante negativas, como são as que se referem ao negro ou ao mestiço. Já que são vários os atributos negativos a eles atribuídos, podemos começar sobre aqueles que tratam de sua indolência e aversão natural ao trabalho, algo típico de povos nascidos sob o calor dos trópicos, já que foram acostumados desde sempre a conseguir aquilo que lhes garantia o sustento e a vida sem muito esforço. Desta maneira, as alusões aos indígenas são quase sempre feitas em um prisma oposto àquele europeu, enquanto esses são marcados pelo trabalho e pela mudança, aqueles são marcados pela inépcia e pela estagnação. Assim, são vários os relatos que podemos aqui elencar e que corroboram essas visões:

Uma população de humor tão indolente que é imprópria ao trabalho na agricultura, mais penoso que os serviços no interior de uma residência (ASSIER, 1863, p. 560).

Ou ainda:

Esta característica indomável deu aos índios das florestas o nome de Índios Bravos, em oposição aos índios das fronteiras, chamados de índios Mansos (Índios doces, domésticos). Como seus ancestrais, os bravos vivem de frutas, da caça e da pesca; cada tribo é liderada por um chefe, ao qual é difícil determinar sua autoridade. Superiores em força física que outros indígenas americanos, eles parecem inferiores em inteligência, não podemos encontrar neles nenhuma tradição histórica, nenhum monumento que remeta a qualquer traço de

civilização. Quanto à religião, ela é sem dúvida a mesma que a de seus antepassados (ASSIER, 1863, p. 557).

Desta maneira, podemos notar que os escritos publicados sobre o Brasil na *Revue des Deux Mondes* apresentam uma dicotomia já característica das visões acerca das terras tropicais, que mesclam uma visão positiva sobre a natureza, mas uma visão negativa sobre os povos que nela habitam, sendo o clima tropical e a própria fartura das terras tropicais vistas como explicações para a inferioridade dos povos que habitam essa zona do globo.

Dentro da *Revue*, podemos notar claramente que os caminhos para o sucesso do Brasil encontravam-se na aproximação com a Europa, e que, apesar da beleza de suas matas, a beleza de uma civilização só seria alcançada com a aproximação com os povos europeus.

Referências Bibliográficas

- ARNOLD, David. *La Naturaleza como Problema Histórico: El medio, la cultura y la expansión de Europa*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 2000.
- ADÊT, Émile. “L’Empire du Brésil e la société brésilienne em 1850”. *Revue des Deux Mondes: Bureau de la Revue des Deux Mondes*, 1851.
- Anônimo. “Souvenirs de l’Amérique – l’empereur Don Pedro”. In. *Revue des Deux Mondes: recueil de la politique, de l’administration et de mouer*. V. 1. 1829.
- BRESCIANI, Maria Stella Martins. “Identidades Inclonclusas no Brasil do séc. XX – Fundamentos de um lugar comum”. In. BRESCIANI, Maria Stella Martis. & CAPELARI, Márcia Regina Naxara (orgs.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2001.
- BRESCIANI, Maria Stella Martins. *O Charme da Ciência e a Sedução da Objetividade: Oliveira Vianna entre Intérpretes do Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2007.
- CAMARGO, Kátia Aily Franco de Camargo. “A Revista como Fonte de Pesquisa”. In. *Educação: teoria e prática*. V.13, , nº 24, jan-jun, 2005.
- CAMARGO, Kátia Aily Franco de. *A Revue des Deux Mondes: intermediária entre dois mundos*. Natal-RN: EDUFRN – Editora da URFN, 2007.
- CASTELNAU, Francis. “L’Araguail – Scènes de voyages dans l’Amérique du Sud”. *Revue des Deux Mondes: Bureau de la Revue des Deux Mondes*, 1848.
- CHAVAGNES, M. L. de. “Le Brésil em 1844. Situation morale, politique, commerciale et financière”. *Revue des Deux Mondes*. Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1844.

- D'ASSIER, Adolphe. "Le Brésil et la société brésilienne. La fazenda". *Revue des Deux Mondes*: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1863.
- DANTAS, Luiz. "Letras Brasileiras na Revue des Deux Mondes". In. NITRINI, Sandra. (org.). *Aquém e além mar: relações culturais: Brasil-França*. São Paulo: HUCITEC, 2000.
- DENIS, Ferdinand. "Voyages dans l'intérieur du Brésil". *Revue des Deux Mondes*. Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes. V. I-II, 1831.
- GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. "Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889)" In *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, nº 388, 1995.
- LACORDAIRE, Théodore. "Un souvenir du Brésil". *Revue des Deux Mondes*. Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1832.
- LÉRY, Jean de. *Histoire d'un Voyage fait en la Terre Du Brésil*. Paris: Libraire Generale Française, 1994.
- LOUÉ, Thomas. *La Revue de Deux Mondes de Buloz à Brunetière: de la belle époque de la revue à la revue de la Belle Époque*. Lille: Atelier National de Reproduction des Thèses, 1998.
- MARTINS, Ana Luíza. *Revistas em Revista: Imprensa e Práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890 – 1922)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.
- THEVET, André. *As singularidades da França Antártica*. São Paulo: Ed. Itatiaia e EDUSP, 1978.
- VIEIRA, Ana Lúcia. *A alteridade na literatura de viagens quinhentista: olhares e escritos de Jean de Léry e de Fernão Cardim sobre o índio brasileiro*. Edições Colibri/Centro de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade do Algarve. Lisboa, 2008.
- VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: História Cultural e Polêmicas literárias no Brasil 1870 – 1914*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.